

sobre as diferentes técnicas que envolvem o trabalho oleiro, capacitando, ao longo desses dez anos de existência, mais de duas centenas de pessoas na arte e cultura do barro.

O exercício e aplicação de métodos da educação formal para a capacitação das artesãs do “Caminhos de Barro” não impediu, porém que diferentes fluxos de memórias e conhecimentos transmitidos oralmente, incluindo arranjos geracionais e tradicionais, ocorressem. Não por acaso as peças em cerâmica produzidas pelas artesãs de Campos carregam em si o traçado e o formato do crochê como elemento estético organizador, a imagem do índio Goitacás como tipo de referência espaço-temporal para a região, bem como exploram de maneira minimalista imagens de santos de devoção festejados no município. Há de se perguntar então, como estes fluxos se processam?

Material e Metodologia

O artesanato por vezes é encarado como uma testemunha, fruto da utilização de técnicas e conhecimentos milenares, subterfúgio estético, marcado por um traço de ingenuidade não engajada que configura aquilo que é “tradição”, no sentido de ser exótico, “elemento de nostalgia idílica” (Herzfeld, 2004: 30). Este é um tipo de olhar que se revela exterior às redes, processos e fluxos imbricados na produção artesanal e, para o qual, um produto só é reconhecido como artesanato conquanto tenha uma marca distintiva de “autenticidade”.

No plano do embate político a busca por uma suposta pureza das origens de um povo, de sua cultura popular, constitui princípio fundante dos estados nacionais modernos. Capitaneados pela burguesia nascente, a busca pelo patrimônio comum procedentes das culturas populares tem sua sustentação na nostalgia sentida em relação a uma vida mais simples ligada a uma origem comum rural em contraposição ao peso dos rótulos cosmopolitas ligados aos processos burocráticos de tornar impessoal e focado em fins científicos-econômicos (racionalização) as relações sociais (Elias, 1993). Nesses imbricados processos a legitimidade das ações do Estado moderno é auferida tanto pela soberania do povo como pela produção/construção/promoção de sua memória coletiva. O reconhecimento e proteção dos monumentos enquanto lugares de memórias, o inventário dos costumes, práticas e repertórios culturais a partir do que se denominou

ciência do folclore participam da definição nacionalista das identidades políticas enquanto identidades culturais.

A procura romântica pelo que pode ser considerado autêntico e, portanto representante de uma determinada cultura, é inseparável tanto do processo de edificação do Estado moderno, fundado sobre a nação enquanto comunidade de cultura, quanto da vontade política de fazer ver e reconhecer a existência eterna de uma nação cultural determinada pela posse material de traços culturais objetivos (língua, arquitetura) e praticáveis (dança, cantos etc.). Este é um fenômeno ocidental do qual o Brasil participa a partir de disputas políticas e acadêmicas.

Verifica-se a partir da pesquisa empírica envolvendo a realização de entrevistas semi-estruturadas e observação participante junto ao grupo de artesãs e monitoras vinculadas ao “Caminhos de Barro” que a produção de artesanato cerâmico aí se articula de maneira densa/ tensa às redes de fornecedores de matéria-prima, aos demais produtores presentes nos mais distintos mercados consumidores (feiras, festivais etc.), às cooperativas, órgãos governamentais e não-governamentais de fomento que atuam junto ao setor.

Neste âmbito, outros tipos de produção e transmissão do conhecimento vêm sendo articulados ao artesanato cerâmico, visando a ampliação dos tipos, modelos, cores das peças, implicando na utilização de novas tecnologias para a otimização da produção e garantia da qualidade/ durabilidade/ resistência do produto final. Por outro lado, este mesmo processo acarreta a promoção, divulgação e incentivo de práticas que articulam a produção local aos interesses e demandas globais, seja por meio das concorridas feiras de artesanato, seja nos websites e blogs da Internet.

Resultados e Discussões

A compreensão da produção de artesanato a partir do desenvolvimento do projeto de pesquisa e extensão universitária “Caminhos de Barro” nos permite questionar a própria noção e necessidade do “ser autêntico” enquanto marca distintiva relativa ao artesanal e, por conseguinte, às culturas populares. Este projeto permite que o artesanato cerâmico seja não somente uma tecnologia alienígena introduzida na região, mas um

conhecimento que como todo processo de aprendizagem foi lido e re-lido a partir dos padrões, gostos e interesses locais.

É nesse sentido que a produção artesanal do “Caminhos de Barro” re-inventa sua própria história a partir da reprodução das bonecas cerâmicas que foram aprendidas com as artesãs do Vale do Jequitinhonha logo no início do projeto, mas que expande seu horizontes na invenção de peças a partir da utilização de moldes de toalhas de crochês, formas de docinhos caseiros e utensílios de cozinha usados com empenho e longo tempo de dedicação às peças para que essas sejam lustradas e se tornem brilhantes após a queima sem que para isso seja aplicado qualquer produto químico do tipo verniz.

Verifica-se o protagonismo e *empoderamento* das artesãs enquanto novos atores sociais vinculados à universidade por meio de bolsas que lhes proporcionam não somente o acesso a uma renda mínima, mas à condição de professoras de artesanato dentro deste projeto de extensão do qual elas são concomitantemente formadas e formadoras dos demais participantes do projeto.

Conclusão

Ao analisarmos o projeto de extensão “Caminhos de Barro” verificamos que seu desenvolvimento cumpre uma função social relevante para o município de Campos dos Goytacazes, ao abrir as portas da UENF para a sociedade envolvente e vice-versa, ao proporcionar que as demandas sociais locais ressoem no ambiente universitário. Concomitantemente este projeto foi de fundamental importância para que o corpo docente organizasse e sistematizasse ações de pesquisa e extensão universitária por meio da própria criação da Pró-Reitoria de Extensão.

O desenvolvimento de projetos que vinculem pesquisa à extensão universitária exige dos mais diferentes atores da Universidade atenção à interação ensino-pesquisa-extensão na composição do projeto político-pedagógico universitário, especificamente na área de formação crítica, humana e profissional, e na produção e socialização de conhecimentos à comunidade. Estas constituem ações de políticas sociais, em especial, políticas culturais desenvolvidas no âmbito da Extensão Universitária Nacional às quais tentei minimamente mapear por meio da análise da experiência desenvolvida no “Projeto de Pesquisa e Extensão Universitária Caminhos de Barro”.

Bibliografia

DEL PRIORI, M. (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/ Editora da UNESP, 2000.

ELIAS, N. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo. Vértice. 1990.

HERZFELD, M. *The Body Impolitic, Artisans d Artifice in the Global Hierarchy of Value*. Chicago: The University of Chicago Press: 2004

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades – Campos dos Goytacazes. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

Plano Nacional de Extensão Universitária. Edição Atualizada. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu / MEC, 2000-01.

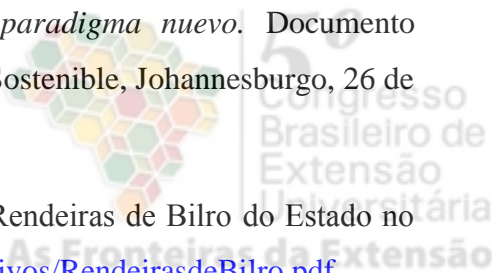
RAMOS, A. *Estudos de Folclore*. Rio de Janeiro: Livraria –Editora da Casa do Estudante do Brasil, s. data.

RIBEIRO, D. *Plano Orientados da UENF*, 3^{er}. Milênio, vol. 1- n. 1, 1993, Campos dos Goytacazes.

SEBRAE. Arranjos Produtivos Locais e Concentrações de Atividade de Cerâmica Vermelha em Campos dos Goytacazes. consultado em 23 de maio de 2010. <http://www.sebraerj.com.br/data/Pages/SEBRAE53D058D3PTBRIE.htm>.

UNESCO. *Declaracion Universal sobre la Diversidad Cultural: una visión, una plataforma conceptual, un semillero de ideas, un paradigma nuevo*. Documento preparado para la Cumbre Mundial sobre el desarrollo Sostenible, Johannesburgo, 26 de agosto – 4 de setiembre 2002.

Zaluar, A. e Pimentel, C. R. “As Guardiãs da Renda: Rendeiras de Bilro do Estado no Rio de Janeiro”, 1978. <http://www.inepac.rj.gov.br/arquivos/RendeirasdeBilro.pdf>



A história brasileira foi conduzida a um processo de miscigenação, que permitiu uma identidade mestiça de seu país. Fatores ideológicos e culturais que permite classificar “raças humanas”: ter por base a cor da pele (falácia incoerente, pois o que determina a cor de um ser humano é a melanina encontrada na pele); interesses de classes (hierarquia); raças com diferenças aptidões, não podem qualificar as diferenças dos grupos humanos.

Raça é um conceito político que pretende demonstrar a superioridade de uns sob os outros. Alguns indivíduos esquecem das desigualdades raciais que existem no Brasil e a exclusão dos negros pela elite. Os negros têm menos chances no mercado de trabalho e menores salários. Ocupam a 108ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano, contra a 49ª relativo aos brancos. Cerca de 70% dos pobres do Brasil são negros. O salário médio de um negro é inferior a de um pardo e, posteriormente, a um branco. O analfabetismo é maior entre os negros e estão mais propensos a mortes violentas. Há maior número de crianças negras no trabalho e elevado grau de mortalidade infantil. Não se pode mais esconder as diferenças raciais no Brasil.

A imprensa, no caso o jornal mural, um poderoso meio de divulgação da informação, assume importante função de interação entre público e notícia. Ajuda a suscitar interesses políticos e sociais, contribui para as comunicações interpessoais, possibilita que o homem firme seus conceitos morais e éticos, forme sua opinião, convicções e propósitos. Por essas razões se enfatiza a importância do jornal mural “Informativo São Benedito” na educação e conscientização da Comunidade Negra Tia Eva.

REFERÊNCIAS

- BARBERO, Jésus-Martin. Dos meios às mediações. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- COSTA, Cristina. Sociologia: Introdução à Ciência da Sociedade. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- ERBOLATO, Mário L. Técnicas de codificação em jornalismo – Redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Ed. Ática, 1991.
- GUARESCHI, Pedrinho. Sociologia Crítica. 25ª ed. Porto Alegre, Mundo Jovem, 1989.
- MCLUHAN, Marshall, Os meios de comunicação como extensões do homem. 5ª ed. São Paulo, Cultrix, 1964.
- MEKSENAS, Paulo. Sociologia. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção magistério 2º grau. Série formação geral).
- TOMAZZI, Nelson Dacio. (Coord.) Iniciação à Sociologia. São Paulo: Atual, 1993.

PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE AGENTES E GESTORES CULTURAIS TERRITÓRIO LITORAL SUL DA BAHIA

Área Temática: Cultura

Responsável pelo trabalho: **Samuel Leandro Oliveira de Mattos**, M.Sc.

Autores: **Raimundo Bonfim dos Santos**, Dr. (rbonfim99@hotmail.com); **Samuel Leandro Oliveira de Mattos**, M.Sc. (slomattos@uesc.br); **Alessandra Almeida Barreto** (alessandraalmeidabarreto@yahoo.com.br).

Instituição: Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia (UESC).

Palavras-chave: Cultura, Gestão Cultural.

Resumo

O Programa de Formação de Agentes e Gestores Culturais se constitui em ação de extensão implementada pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), no biênio 2008/ 2009. Resultou da parceria firmada entre a UESC, Secretaria de Cultura e Fundação Cultural da Bahia; a execução contemplou os 26 municípios do Território Litoral Sul da Bahia. O objetivo central foi capacitar pessoal e formar quadros para a gestão pública e privada de políticas, atividades e programas culturais; qualificar para planejar, elaborar projetos e captar recursos via edital público. O trabalho foi conduzido por professores, servidores administrativos e alunos. O público foi formado de: dirigentes de Secretarias Municipais de Cultura, indicados pelas prefeituras; agentes culturais, artistas e profissionais recomendados pela coordenação do Território Litoral Sul. As atividades realizadas compreenderam: pré-curso (planificação e articulação); realização do curso; pós-curso. O trabalho foi realizado com base em planejamento. Foram ministradas aulas para três turmas, atendendo a 120 pessoas, qualificando-as conforme os objetivos da proposta. Na atividade pós-curso, foi realizado o acompanhamento aos cursistas, incluindo aulas e oficinas para orientação na elaboração de projetos. Concomitantemente, foi criado o Fórum de Agentes, Empreendedores e Gestores Culturais – FAEGSUL, o qual funciona regularmente e se constitui instrumento de representação dos interesses da comunidade militante em cultura. Acresce aos resultados alcançados o trabalho de captação de recursos que vem sendo feito pelas equipes treinadas, através da aprovação de projetos em editais públicos.

Introdução

Este artigo relata a execução de um programa de extensão, denominado Formação de Agentes e Gestores Culturais, executado pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual de Santa Cruz, com financiamento e apoio da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. O programa foi desenvolvido no biênio 2008/2009, no território de identidade Litoral Sul da Bahia (conhecido como Região Cacaueira), que engloba 26 municípios, os

quais, na sua maioria, nasceram e cresceram apoiados na cacauicultura desde a década de 1930. Heine afirma:

A cidade de São Jorge dos Ilhéus conheceu o luxo e a opulência, por conta da riqueza gerada pela cultura cacauera. O apogeu econômico durou cerca de cem anos, talvez um pouco mais. Em certa época a região respondeu com mais de setenta por cento da receita do Estado da Bahia (HEINE, 2009, p. 126).

Os recursos oriundos do cacau, a partir dos anos de 1930, possibilitaram o surgimento de artistas plásticos, músicos e escritores, a exemplo de Jorge Amado, Adonias Filho, dentre outros. No início da década de 1990, em função da praga *crinipelles perniciososa* nos cacauais, e a queda do preço do cacau no mercado externo, emerge uma crise regional sem precedentes. Toda a região passa a conviver com fortes dificuldades e a sofrer drasticamente os efeitos nefastos do desemprego, pobreza e miséria (ALGER; CALDAS, 1996, p.30).

Os impactos da crise foram sentidos na zona rural e urbana: diminuiu o excedente econômico e reduziu a circulação de capital e a poupança. Em função disso, a área cultural também sofreu: minguaram as contratações de artistas, as encomendas para obras de arte e os apoios e patrocínios, limitando as condições de trabalho.

É nesse contexto que nasce a parceria UESC/SECULT, com a missão de implantar o Programa de Formação de Gestores Culturais do Litoral Sul da Bahia, com o objetivo de formar quadros para intervir na realidade regional e aperfeiçoar a gestão da cultura.

Material e Metodologia

Este item se apresenta em três tópicos: fundamentação teórica, concepção do projeto e procedimentos metodológicos.

Conforme Santos et al (2007), a cultura externaliza conhecimentos e habilidades inerentes ao ser humano, que se manifestam, principalmente, nas artes. Retrata também a alma de um povo, propicia satisfação, além de refletir a forma de viver dos grupos sociais.

Bourdieu, apud Zaluar e Leal (1996), menciona que a cultura tem consistência material e gera resultados práticos que se mostram nos mais variados planos que conformam a existência humana. Afirma-se também que a cultura transcende do abstrato para o concreto e seus produtos podem ser transformados em bens com valor de mercado, gerando postos de trabalho, emprego e renda. Santos e outros dizem: “a cultura não pode ser entendida apenas como instrumento de prazer de valor simbólico, mas também como

um bem de valor econômico, que se insere no mercado, gerando renda e emprego” (SANTOS; SOUZA; OLIVEIRA; PINTO, 2008, p. 159).

Nessa linha, entende-se que os recursos culturais, a exemplo das manifestações populares, religiosidade, música, etc. servem de base para o chamado produto cultural, que é uma combinação de essência cultural, infraestrutura, serviços, além de promoção mercadológica e preço (CAMARGO, 2009). Noutras palavras, história, culinária, arquitetura, artesanato, rezas, cânticos, etc. podem ser matéria-prima da produção cultural na geração de bens comercializáveis, a exemplo de peças teatrais, filmes e livros. Todavia, pesquisas e constatações empíricas têm mostrado que a produção cultural, gestão e captação de recursos exigem competência técnica. Portanto, é no âmbito da formação e capacitação que se torna possível qualificar gestores para viabilizar a cultura. Manfredi diz:

a qualificação de um indivíduo é a sua capacidade de resolver rápido e bem os problemas concretos, mais ou menos complexos, que surgem no exercício de sua atividade profissional. E que o exercício da capacidade implica no saber fazer (...); saber ser (...); saber agir (MANFREDI, 2007, p. 39).

A concepção do programa se fundamenta em três eixos: a) consciência da importância da cultura como realização humana, que propicia prazer e alegria, que emerge do plano simbólico para viabilizar a comunicação entre os atores sociais; b) o entendimento de que a cultura gera renda e promove o desenvolvimento regional, criando mercados, produtos, estimulando o surgimento e o aperfeiçoamento de espíritos empreendedores, aproximando os dois campos: o criativo das idéias e o comercial do negócio; c) a compreensão de que a cultura necessita de apoios para a sua expansão e aperfeiçoamento: os recursos disponíveis são insuficientes e os atores sociais que gerem a atividade na região não estão devidamente qualificados. Assim, transversalmente, a cultura perpassa por esses três eixos, configurando o escopo teórico-empírico do programa.

No que concerne à metodologia, a implementação do programa compreendeu a realização das seguintes atividades: planificação (pré-curso); execução do curso; ações pós curso. Na planificação, definiu-se público alvo, parcerias, recrutamento e infraestrutura. A execução do curso envolveu: 1) o introdutório, que visou a identificar a situação da cultura no contexto do aluno; 2) o da formação, com conteúdos teóricos fundamentais no campo da gestão, produção, articulação e financiamento; 3) o aprofundamento, caracterizado pela elaboração de projetos e formação de produtos. Por fim, as ações pós-curso compreenderam: a) a realização de orientações semi-presenciais; b) organização do grupo

e criação de um fórum para continuação dos estudos, formação de rede e atuação como interlocutor das questões culturais no território.

Resultados e Discussões

Na fase pré-curso, o trabalho de preparação incluiu o estabelecimento de parcerias para recrutamento dos participantes feitas com a Associação dos Municípios da Região Cacaueira – AMURC e a coordenação do Território Litoral Sul. O acordo destinou 50% das vagas para servidores municipais, indicados pela AMURC, e o restante das vagas por agentes, produtores e artistas recomendados pelo Território. A fase de execução dos cursos compreendeu a ministração de aulas com base na pedagogia participativa. Os envolvidos manifestaram contentamento, com impactos positivos na autoestima. O aprendizado foi satisfatório e o número de turmas foi elevado de um para três, num total de 120 alunos.

A terceira fase (pós-curso) compreendeu a realização de: a) atividades de orientação em forma semi-presencial para elaboração de projetos; b) formação de grupo e construção de fórum. Nessa linha, foram executadas aulas e oficinas, o que resultou na aprovação de vários projetos, que competiram em edital público, entre os quais se destacam: dois na área de cinema e cultura e outros dois no campo da música e teatro. O de música contemplou a Banda Sinfônica, cujos integrantes são do Colégio da Polícia Militar de Itabuna; o de teatro, denominado FORTEATRO (Formação em Teatro e Cidadania do Território Litoral Sul da Bahia) vincula-se à Sociedade Filarmônica Capitania de Ilhéus, cujas ações envolvem 16 municípios, num total de 2.880 pessoas que, assim, terão oportunidades de participar de cursos de formação na área do teatro. Esses dois projetos obtiveram R\$320.000,00 (trezentos e vinte mil reais).

No que tange aos desdobramentos do programa, salienta-se que a Pró-Reitoria de Extensão viabilizou a criação do Fórum de Agentes, Empreendedores e Gestores Culturais do Território Litoral Sul da Bahia – FAEGSUL, sediado na UESC. O FAEGSUL tem realizado reuniões, encontros; promovido eventos e construído espaço para reflexões, discussões no campo da cultura regional. Em função disso, estabeleceu-se uma maior afinidade entre os segmentos que constroem as políticas públicas estaduais e as entidades dos municípios do território. Assim, o Fórum atua como interlocutor das questões culturais da região. Portanto, os resultados positivos gerados, quer pelo nível de execução do programa, quer pelo desempenho do Fórum, fizeram com que a UESC passasse a ser referência junto à SECULT e demais universidades públicas estaduais da Bahia.

Conclusão

O desenvolvimento do programa trouxe não só resultados para os alunos, no tocante à motivação para o desenvolvimento de novos projetos culturais e parcerias em âmbito regional-territorial, como também contribuiu para a realização profissional da equipe UESC, que se motivou fortemente em torno de ações no campo da cultura.

A aprovação de projetos de egressos do curso também deu visibilidade à UESC, junto às instâncias culturais, como universidade comprometida com o desenvolvimento regional. O trabalho serviu ainda para evidenciar, na comunidade, a Pró-Reitoria de Extensão – PROEX, o Departamento de Letras e Artes e o Núcleo de Artes da UESC, setores diretamente envolvidos. Sobretudo, a ação mostrou que, embora muito se fale da falta de recursos públicos para a cultura, muito dos recursos disponíveis são subaproveitados por falta de bons projetos.

Referências

ALGER, Keith; CALDAS, Marcellus. Cacau na Bahia: decadência e ameaça à Mata Atlântica. In: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Ciência Hoje. Volume 20, número 117. jan./fev. 1996.

CAMARGO, Patrícia. Turismo Cultural. Ilhéus: EDITUS, 2010.

HEINE, Maria Luiza. Evolução da Divulgação do Patrimônio Cultural de Ilhéus (Ba). Importante Vetor do Desenvolvimento Turístico do Município na Mídia Local. In: HEINE, Maria Luiza (org.). Múltiplos olhares sobre a região cacaueira Sul da Bahia, Editora Beta Ltda, 2009.

MANFREDI, Silvia Maria. Qualificação e Educação: reconstruindo nexos e inter-relações. In: Fundação Universitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho. Políticas Públicas de Qualificação. São Paulo. UNITRABALHO, 2007.

SANTOS, Raimundo Bonfim et all. Cultura e Educação como Instrumento de Inserção Socioeconômico: o projeto PROÚNICA. In: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – Regional Nordeste. Anais do 1º Congresso Nordestino de Extensão Universitária – CNEU. Salvador-BA, outubro de 2007.

_____; SOUZA, Marcos A.; OLIVEIRA, Suzie F. de; FERRAZ, Tereza L. B.; PINTO, Fabiane L. B. Projeto Desenvolvimento e Inclusão Social - PRODISC. In: ROCHA JUNIOR, Alberto F. (org.). Cultura e Extensão Universitária. Del Rei – MG. Editora Malta, 2008.

ZALUR, A; LEAL, M. C. Cultura, Educação Popular e Escola Pública. Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 1996.

PROJETO CAPOEIRA NA FURG: INTEGRAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E COMUNIDADE

Daiane Grillo Martins

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Área temática: Cultura

Raquel da Silveira (coordenadora da ação)¹; Daiane Grillo Martins²

Resumo

O projeto Capoeira na FURG busca organizar e realizar atividades de capoeira com crianças e adolescentes que residem próximas à Universidade Federal do Rio Grande, na cidade do Rio Grande/RS. As atividades são orientadas por uma docente e uma aluna do curso de Educação Física-licenciatura. Com isso, o projeto busca proporcionar ao público alvo vivências em capoeira, que trata-se de uma manifestação cultural do movimento humano de grande relevância no desenvolvimento corporal e de movimento das crianças e dos adolescentes. Além disso, a capoeira é considerada patrimônio cultural brasileiro. Assim, são utilizados elementos como a poesia, desenhos, músicas e histórias, para um melhor entendimento sobre o universo da capoeira e a sua aproximação com o contexto em que as crianças vivem, discutindo principalmente o tema violência e gênero. Portanto, são ministradas aulas de capoeira para crianças e adolescentes com idades entre 12 e 16 anos, que acontecem por duas vezes semanais, no centro esportivo no campus carreiros – FURG, com duração de 1 hora cada aula. Pelo trabalho desenvolvido, está sendo possível perceber a importância do elo estabelecido entre a universidade e a comunidade. Isso porque tais oportunidades proporcionam além de momentos ricos de experiências ao graduando, a fruição de vivências dentro do espaço da universidade pela comunidade. Para os alunos do projeto fica visível que além de vivenciarem uma prática corporal, a capoeira, eles participam de outras relações sociais, como por exemplo, a sociabilidade.

Palavras – chaves: Capoeira, Cultura, Comunidade



¹ Professora do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

² Aluna do curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Introdução

Um dos pressupostos da existência da Universidade é a sua integração na sociedade. É possível identificar tal integração nas atividades de extensão quando de alguma forma os recursos e os conhecimentos desta instituição são colocados à disposição da comunidade. Isso implica em possibilidades de produção de conhecimento diretamente relacionado com o direito que a população tem de usufruir e integrar-se a este processo.

Assim, remetendo-se à capoeira como prática de relevância social, já que, conforme o Portal do Ministério da Cultura (2008), “depois de cerca de 300 anos de história no Brasil, a capoeira foi reconhecida como patrimônio cultural brasileiro”, procura-se, através do projeto “Capoeira na FURG”, proporcionar a vivência da capoeira à crianças e adolescentes residentes das proximidades da universidade .

O projeto procura proporcionar aos alunos momentos de sociabilidade, em que são desenvolvidas atividades lúdicas que se baseiam no princípio da cooperatividade. Também são trabalhadas as questões que envolvem a violência, através de conversas, procurando diferenciar o ato de lutar ao de brigar, pois, conforme Ferreira (2009), se referindo ao conteúdo de lutas na Educação Física escolar, o que deve ser passado aos alunos é que as vivências das lutas se remetem a lutar “com” o outro e não “contra” o outro. Assim, é nessa perspectiva que tratamos a capoeira, enquanto luta que preserva a integridade física dos seus colegas de combate.

Dedicamos uma aula mensal para a vivência das culturas relacionadas à capoeira, tais como o maculelê e o samba de roda. Nesse momento, procura-se proporcionar aos alunos a experimentação e a compreensão dessas manifestações, além da reflexão sobre suas referências ao universo da capoeira.

Assim, são vivenciadas formas que diferem das práticas sistematizadas da capoeira e que se remetem ao seu universo, propiciando, além da vivência, a reflexão sobre sua contextualização histórica.

Metodologia

São desenvolvidas aulas teórico-práticas de capoeira que ocorrem duas vezes por semana (terças e quintas-feiras), no horário das 15:00h às 16:00h, no Centro Esportivo da FURG campus Carreiros. O projeto conta com a participação de aproximadamente vinte crianças, com idades entre 12 e 16 anos.

Durante as aulas, realizamos atividades de aquecimento cuja principal característica se remete ao lúdico, tais como: Fuga da Senzala, Rumo ao Quilombo e Corra do capitão do mato!

Atividades lúdicas relacionadas com a Capoeira:



Fuga da Senzala	Rumo ao Quilombo	Corra do capitão do mato!
<p>É escolhido um dos alunos para ser o feitor, outros cinco para serem a senzala e o restante são os escravos fugitivos. Assim, o feitor é responsável por capturar os escravos fugitivos e levá-los até a senzala, que está formada pelos cinco componentes abraçados e em círculo, reservando o espaço interno para acomodar os fugitivos. Quando o feitor faz a captura, deixa o capturado dentro da senzala, que será responsável por não deixar os escravos fugir mais. Caso a fuga aconteça, o escravo pode voltar a ser fugitivo.</p>	<p>Dois alunos seguram uma corda que ficará quase estendida e no centro da sala e que representará o capitão do mato. Assim, em um dos lados do ambiente, ficam os demais, que representam os escravos que fogem da senzala, rumo aos quilombos. Daí então, os responsáveis por pegar a corda se locomovem em direção aos escravos, que tentarão passar para o outro lado sem encostar na corda. Isso ocorrerá com graus variados de dificuldade: Se os escravos encontrarem pedras no caminho, a corda passa rasteira e terão de pular; se a corda passar alta, representa as árvores, daí terão de se abaixar e se a corda passar em movimentos circulares, terão de atravessar o meio. Assim, os que vão encostando na corda ao passarem, saem do jogo. O último se torna Zumbi dos Palmares e será responsável por salvar os que já foram capturados, operando na mesma lógica de passar pelos obstáculos da corda sem encostá-la.</p>	<p>Todos formam uma roda e sentam-se no chão. Inicialmente, se escolhe um, de forma voluntária ou por sorteio, a ser o primeiro senhor do engenho. Esse receberá um objeto referente à capoeira denominado dobrão (pedra específica para tocar berimbau). O senhor deverá percorrer o lado externo da roda cantando uma melodia de capoeira. E os demais, respondem a musicalidade em forma de coro (interação entre os demais integrantes da roda de capoeira e o puxador). Então, o senhor tem de largar o dobrão atrás de algum dos integrantes da roda que se tornará o novo capitão do mato, (pegador). Assim que o senhor largar a pedra, pára de cantar. Daí o escolhido percebe, por si que é o pegador. Nesse momento, todos saem correndo da roda para não serem capturados. Conforme os fugitivos vão sendo pegos, devem voltar à formação da roda. Daí então, começa tudo novamente e o capitão do mato se torna o novo senhor de engenho.</p>

Utilizamos métodos que dão ênfase ao processo de aprendizagem que envolvem a técnica enquanto conteúdo da capoeira, já que essa questão é

pertinente ao universo de determinadas práticas corporais, como as lutas, por exemplo. Portanto, há a necessidade de que os alunos também vivenciem as experiências vinculadas à técnica, para que não haja a negação dos aspectos da capoeira enquanto luta.

Também são oferecidas práticas que envolvem exercícios de flexibilidade, força e agilidade, já que o desenvolvimento de tais capacidades físicas são importantes para a prática da capoeira, prioritariamente em suas manifestações acrobáticas. Para isso, utilizamos métodos ginásticos que envolvem os circuitos e outras atividades com bolas, cones, cordas e balões.

Reservamos ao aspecto musical da capoeira dois encontros mensais, ao qual os alunos vivenciam o toque dos principais instrumentos da capoeira (berimbau, atabaque e pandeiro). Além disso, são transmitidas, aos alunos, músicas e ritmos que já se fazem presentes no contexto da capoeira, para que elas possam conhecê-las, aderi-las, através do canto e das palmas e criar outras poesias a partir dessas.

Realizamos, no ano de 2010, através de uma parceria com um mestre de capoeira e professor de Educação Física, um batizado, que além da vivência da graduação, procurou desenvolver com as crianças a realização de um espetáculo teatral que apresenta as culturas relacionadas à capoeira. Essa apresentação propiciou a demonstração da puxada de rede, da dança do maculelê e do samba de roda. Os ensaios ocorreram todos os sábados pela manhã, durante o período de um mês. Para esse evento, foram convidados para a participação, capoeiristas de grupos da cidade do Rio Grande, além de familiares e amigos dos alunos, para prestigiarem o evento.

Já no primeiro semestre de 2011, em parceria com a coordenadoria do curso de Educação Física, professor e alunos da prática desportiva de capoeira, foi propiciada a participação no I Encontro Étnico Cultural. Esse evento contou com a realização de uma oficina de berimbaus, em que os alunos puderam construir seus próprios instrumentos, constituindo cada etapa da confecção. Logo após, participaram de uma roda de capoeira que se realizou no Centro de Convivências da universidade.

Portanto, as aulas ocorrem através de metodologias variadas, em que são abordados desde as vivências lúdicas até as questões da técnica. Também é tratada a necessidade da contextualização histórica e o conhecimento das tradições que permeiam o universo da capoeira. Assim, buscamos através dos diferenciados artifícios, abordar a capoeira como manifestação da cultura corporal em que “a expressão corporal é uma linguagem, um conhecimento universal, patrimônio da humanidade que igualmente precisa ser transmitido e assimilado pelos alunos” (COLETIVO, 1992, p.29) e que, além disso, sua existência proporciona que o indivíduo e a realidade possam ser compreendidos em sua totalidade (COLETIVO, 1992). Desse modo, entendemos como importante a dinâmica nas aulas para que seja possível o entendimento da capoeira como manifestação da cultura corporal em seus diversos aspectos.

Conclusões

Pelo trabalho que estamos desenvolvendo, até então, está sendo possível perceber a importância do elo estabelecido entre a universidade e a



